

Mediações entre Literatura e Turismo no âmbito da América Latina

Profa. Dra. Maria de Lourdes Netto Simões¹ (UESC)

Resumo:

Tendo em vista a valorização do estético, a sustentabilidade da cultura e o desenvolvimento das comunidades são estabelecidas mediações entre a literatura e o turismo. Inicialmente é considerado o lugar da América Latina na nova ordem mundial; em seguida, observado o trânsito da literatura ao turismo, no contexto global; são discutidas algumas inter-relações afro-latino-americanas, com o foco na condição pós-colonial; finalmente, são realizadas ponderações sobre diversidade cultural e desenvolvimento sustentável visando, através do turismo, uma política valorizadora dos bens simbólicos no espaço latino-americano.

Palavras-chave: literatura, cultura, turismo, sustentabilidade

Introdução

A proposta deste texto é discutir alternativas de interações culturais e trânsitos na Comunidade da Ibero América, tomando como foco a sua literatura. Tendo em vista a valorização do estético, a sustentabilidade da cultura e o desenvolvimento das comunidades, são estabelecidas mediações entre a literatura e o turismo. Tal propósito visa a ressaltar a diferença cultural que existe entre esses países da Comunidade e, considerando tais diferenças que a literatura veicula como elemento de interesse provocador de ações para o turismo, com base nelas, discutir alternativas de trânsitos, visando a contribuir para uma política integradora, inclusiva e valorizadora dos bens simbólicos no espaço latino-americano.

Assim, o texto atentará para o lugar da América Latina na atual ordem mundial; o trânsito da literatura ao turismo, considerando o contexto global e a condição pós-colonial latino-americana, inclusive exemplificativamente; finalmente, visando o turismo, são realizadas ponderações sobre diversidade cultural e desenvolvimento sustentável em relação a uma política valorizadora dos bens simbólicos Latinoamericanos.

1. A América Latina e a atual ordem mundial

Já não é novidade a concepção de unidades supra-nacionais quando se pensa na reorganização do espaço social. O fenômeno da desterritorialização vem promovendo tal deslocamento e a idéia de Estado-nação tem dado lugar à política dos blocos econômicos. São exemplos o Mercosul, União Européia, Nafta, Alca, Tigres Asiáticos, etc (ZAIDAN FILHO, 2001). Recentemente já se admite pensar num bloco Latino Americano. Existe uma América Latina enquanto bloco? Segundo o mexicano Eduardo Nivón Bolán ao discutir sobre as realidades e utopias das políticas culturais na Ibero-América, “o que nos une são os problemas” (BOLÁN, 2008) e acrescenta a sua preocupação de como promover a integração da América Latina. Então, sua fala sinaliza a perspectiva de desenvolvimento de políticas atentas ao acesso cultural, à perspectiva de sustentabilidade, de redes de comunicação científica.

Da perspectiva cultural, direcionando o foco para o de bens patrimoniais, é aqui considerada a idéia de nação como um sistema de representação simbólica (ANDERSON, 1893). Nesse caso, uma outra questão se impõe: qual o lugar da esfera da cultura na América Latina? Entendendo dessa ótica, é ultrapassada a noção de fronteiras e limites políticos. O debate sobre a esfera da cultura redesenha o território, ultrapassando compartimentos estanques. Redefine identidade (HALL,

2000) Já não é possível associar uma identidade estritamente a um espaço ou a um país; ou mesmo identificar um patrimônio como exclusivo de uma cultura. Isto porque, já é por demais sabido que as identidades e as culturas são móveis. Tal desterritorialização faz acentuarem-se marcas existentes e/ou favorecem a hibridação com a cultura receptora (CANCLINI, 2003).

Por compartilharem uma parte significativa de sua História, os países da América Latina constituem-se parceiros naturais na mobilização de seus bens culturais comuns como capital para o desenvolvimento. Em postura pós-colonialista e de visão não hegemônica, tal entendimento sustenta a hipótese de bloco cultural latino-americano no qual podem ser identificadas zonas de cruzamentos culturais (inclusive com as origens africanas) e mesclas continentais (línguas portuguesa e espanhola), através dos bens simbólicos do patrimônio material (onde muito da história da colonização é traduzida nos monumentos) e imaterial (com especial relevo para as danças e a música) e dos bens naturais (notadamente os oceanográficos), que a literatura da Sul América ficcionaliza. Em mesa redonda do IV Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura – IV ENECULT - promovido pelo Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (Cult) da Universidade Federal da Bahia, ao discutir sobre o lugar da esfera cultura no mundo contemporâneo, Renato Ortiz admite que “hoje é impossível pensar a esfera da cultura sem a esfera da economia ou da técnica” (ORTIZ, 2008).

Pensando nos novos significados, problemáticas de poder, novas dimensões do cultural entrecruzados com focos econômicos e técnicos, o turismo é trazido para a pauta a ser aqui discutida. Interessa para essas considerações discutir a sua ação de uma perspectiva que não secundarize o bem simbólico em favor do objetivo econômico, entendendo que não pode haver desenvolvimento sem sustentabilidade do patrimônio, seja ele natural ou cultural. Ainda, potencializar o multiculturalismo, enquanto integração de culturas locais, como agenciador para ações do turismo sustentável, onde a cultura Latino-americana não seja tragada pela transnacionalização e internacionalização do capital. Íris Mabel Laredo diz que se

re-valorizamos o potencial que temos e aplicamos o modelo e a estratégia de integração adequados para redimensionarmo-nos e potenciarmo-nos, poderemos avançar progressivamente até o desenvolvimento e uma produtividade destinada não somente ao mercado externo, mas também a nosso incomensurável mercado interno, melhorando a qualidade de vida”. Tais medidas exigem, sem dúvida, a ampliação de autonomia política da América Latina. Exige alianças sociais qualitativamente pautadas na qualidade. Exige a potencialização da esfera cultural para o fortalecimento das políticas de desenvolvimento. (LAREDO, 2001, p. 117)

2. Da literatura ao turismo

Expressão artística comunicadora, a literatura influencia e é influenciadora dos trânsitos sociais e da história, face o universo cultural e vivencial. Ao se concretizar através de estratégias discursivas reveladoras do imaginário, configura comportamentos éticos, filosóficos e políticos, sinalizadores de uma visão de mundo. Dessa ótica culturalista, enquanto veiculadora do estético e do simbólico, também valoriza o patrimônio e a cultura local, suscitando do trânsito turístico (SIMÕES, 2002).

Tratando a **cultura** no seu sentido largo são acrescentas as vivências, à herança de tradições e costumes. Daí a consequência de, pensando cultura, considerar intersecção de múltiplas influências que se moldam por um senso de pertinência - a identidade cultural. Como observa Homi Bhabha (1998, p. 241), vale dizer que “a cultura como estratégia de sobrevivência é tanto transnacional como tradutória”. A transnacionalidade está na interferência que as histórias específicas de deslocamentos culturais exercem sobre os discursos pós-coloniais contemporâneos; já o seu aspecto

tradutório vem das histórias espaciais de deslocamento - agora acompanhadas pelas ambições territoriais das tecnologias globais de mídia, que sensivelmente interferem na significação da cultura (CANCLINI, 1999).

A tais considerações sobre cultura, acrescento a idéia de **cultura como recurso** (YUDICE, 2004), a fim propor a alternativa de desenvolvimento através de um turismo suscitado pela literatura. Nesse caso, como propõe George Yudice, a

cultura como recurso é muito mais do que uma mercadoria; ela é o eixo de uma nova estrutura epistêmica [...] de tal forma que o gerenciamento, a conservação, o acesso, a distribuição e o investimento – em “cultura” e seus resultados – tornam-se prioritários. (YUDICE, 2004, p. 13)

É senso comum, no mundo global, a idéia da necessidade de ações ágeis e criativas para que ocorra a inserção de uma cultura no âmbito transnacional. Mas também se pode afirmar que, apesar dos apelos da globalização, as culturas locais são revalorizadas, no mesmo movimento. Ocorre que agora se impõem as diferenças culturais de fundo étnico, regional, ou de nação.

Nesse contexto global/local, o discurso literário se configura como uma expressão que veicula temas, valores, tensões e sentidos ideológicos. Da perspectiva cultural, tais significados estão diretamente relacionados às questões identitárias e às de nação. Assim, tratando a Literatura como bem simbólico cultural, assinaladora de **diferença** e suscitadora de trânsitos, nesse caso, um posicionamento comparativista a partir de um olhar voltado para as questões culturais, como é óbvio, exige alargamentos.

Como se pode depreender, tais reflexões sustentam-se no entendimento de que, rompendo limites e fronteiras de tempo e espaço, atualmente, os acontecimentos são acelerados e as distâncias encurtadas, através das imagens televisivas, da navegação eletrônica, do trânsito de pessoas. Tais transformações interferem nas formas de interpretação da sociedade, incapazes de acompanhar as mudanças, tantas em extensão, profundidade e, sobretudo, velocidade.

A evidência da problemática cultural na sociedade contemporânea exige a atenção a outros fatores, inclusive esse fato dessa sociedade global ser marcada pelo incremento da atividade turística. Faz-se necessário, como quer Friedman, analisar “o consumo como um aspecto de estratégias culturais mais amplas de autodefinição e de automação” (1999, p. 330). O turismo é tomado como um eixo articulador dessa intersecção – cultural e econômica. Atendendo aos fluxos e ao lazer, a atividade turística vem se configurando cada vez mais como uma atividade que, por um lado, oferece oportunidades de empregos e é vendida como mercadoria; por outro, suscita as diferenças culturais.

Considerando a intenção do trânsito entre países latino-americanos (perspectiva multicultural), o Turismo é aqui tratado enquanto estudo de trânsitos culturais e, o turista, enquanto o elemento humano que se desloca e que tem um determinado comportamento em relação às culturas locais. Visando à sustentabilidade, interessa a essas reflexões aquele turista que reúna condições de ser elo na cadeia de transmissão sobre as qualidades da sociedade/lugar visitado; que interprete e respeite a cultura local.

O mercado como paradigma de múltiplas liberdades é fato, hoje. Sobre isso, cabe aqui a pergunta que faz Beatriz Sarlo (1997, p.152): “existe outro lugar, além do mercado, onde se possa pensar a instituição de valores?”. No mesmo texto, Sarlo ainda observa que

a liberdade de fruição dos diferentes níveis culturais como possibilidade aberta a todos (mas não escolhida por todos) depende de duas forças: estados que intervenham equilibrando o mercado, cuja estética denuncia um compromisso com o lucro; e uma crítica cultural que possa livrar-se do duplo isolamento da celebração neopopulista do existente e dos preconceitos elitistas que solapam a possibilidade de articular uma perspectiva democrática. (SARLO, 1997, p. 182).

E aqui vale considerar a ação intelectual, transitando a cultura através da arte. Assim, é possível admitir a possibilidade de uma ação intelectual contribuidora para o desenvolvimento cultural sustentável. Isso, através de discursos que se articulem, construindo o lugar, provocando outras reflexões, promovendo trânsitos, realizando trocas culturais, promovendo o respeito ao/do outro.

Tal hipótese filia-se aos debates mais recentes de que o investimento em cultura “fortalecerá a fibra da sociedade civil, que, por sua vez, serve de hospedeiro ideal para o desenvolvimento político e econômico.” (YUDICE, 2004, p. 14).

3. A Literatura Sul-baiana: um exemplo

No contexto da Ibero América, muitos são os exemplos a citar ao se falar de trânsito turístico suscitado pela literatura. Não se pode subestimar a atração exercida por escritores do chamado *boom* latino-americano como: **García Márquez, Alejo Carpentier, Mario Vargas Llosa, Carlos Fuentes, Jorge Amado.**

Para uma exemplificação do potencial de mobilização turística que a literatura pode suscitar, destaco a Região Sul-baiana do Brasil, de excepcionais peculiaridades no panorama sócio-cultural do país, de reconhecido potencial turístico e marcada por uma cultura singular da qual merece especial relevo a presença de várias etnias.

O forte e significativo componente cultural que marca a compreensão da cultura dessa região é, assim, imprescindível para a percepção histórico-cultural do seu presente, principalmente no que diz respeito à sua singularidade nacional de berço do Brasil. A excepcionalidade cultural da região Sul-baiana faz com que se constitua em manancial relevante para as discussões identitárias locais e a potencializa como expressão cultural de atração turística nacional e internacional. Uma região na qual o meio-ambiente, a cultura, a história são de incontestável interesse para o turismo, devido aos seus aspectos culturais únicos. Tais são fatores asseguradores do trânsito turístico, propiciador a **transculturção, trocas e transferências, interação e tradução.**

Nesse singular panorama cultural (propício para as reflexões sobre a cultura produzida na articulação de diferenças culturais), cabe acrescentar e ressaltar a sua rica e inquestionável literatura, inclusive como suscitadora de trânsitos e viagem.

As marcas que a literatura revela, por sua fala, potencializam a **diferença** no espaço do patrimônio cultural regional, ressaltando alguns aspectos diferenciadores do local. Itentando uma exemplificação do raciocínio aqui defendido, considerando a literatura Sul-baiana como agenciadora do interesse turístico, este texto ressalta, nela, especialmente aspectos identitários da cultura que movem o interesse de visitantes, os relacionados às questões de nação e identidade.

Dentre tantas expressões locais, a singularidade da expressão de Valdelice Pinheiro certamente atrai leitores, turistas curiosos poderem conviver com a riqueza da multiculturalidade que a sua fala anuncia e denuncia, como no poema **Canto Brasileiro** (PINHEIRO, 2000).

Pego-me aos pedaços. Quinhentos anos
estranhos desfiguram minha face negra,
meus dedos índios. Por que estes dedos
gorduchos se eu nunca fui barroca? Por que
esta lágrima de Pietá, se meu
centro é a fecundidade de minha barriga, a
ligeireza de meus pés?

Restauro-me. Meus dedos de pontas

Achatadas voltam ao rústico bambu de
flautas indizíveis e batem, com a graça do
braço engajando o corpo, doces berimbau.

Faço minha dança no momento do golpe –
me defendo - e canto para espantar os maus
espíritos. Se cantar vale por rezar duas
vezes, isto fica por conta do próprio canto.

Restaurando-me, cresço.
Crio detalhes que se liberam de minha mente
e de minhas mãos.
Sou da idade de meus príncipes
negros,
jovem como meus guerreiros
tupiniquins.

Um segundo exemplo é o do ficcionista Jorge Amado, que ultrapassa fronteiras nacionais e ocupa o mundo com a sua obra. Os livros da saga do Cacau, por vieses diferentes, fazem povoar o imaginário de leitores de imagens das terras do sul da Bahia, sua cultura, sua gente. Assinalada através da referência às diferenças étnicas - índios, brancos, negros, “turcos” e “sergipanos” - a história da vigorosa nação grapiúna.

Se a saga grapiúna amadiana tem vários momentos e fases, o seu leitor caminha com elas: **Cacau**, 1932; **Terras do Sem-Fim**, 1942; **São Jorge dos Ilhéus**, 1944; **Gabriela Cravo e Canela**, 1958; **Tocaia Grande**, 1983.

Assim é que aquele mesmo leitor que acompanhou a época da conquista das terras, da luta de classes (coronel X trabalhador rural), a ação dos jagunços (ajudando os coronéis a enriquecerem pela força da sua ambição); indignou-se com as injustiças sociais, a prepotência dos coronéis, a servidão dos trabalhadores rurais, transitando da conquista feudal (**Terras do Sem-Fim**), à conquista imperialista dos exportadores (**São Jorge dos Ilhéus**), e à demonstração da força política (**Gabriela, Cravo e Canela**); esse mesmo leitor, por vezes, também divertiu-se com as noitadas do Bataclan, deliciou-se com os bolinhos da Gabriela, acompanhou as negociações políticas da mudança do porto de Ilhéus, a exportação do cacau, a sua comercialização.

Depois, acompanhou a formação dessa civilização grapiúna já por outra ótica, que foca a identidade, reconhece sergipanos, negros e turcos como elementos formadores dessa cultura, em **Tocaia Grande**. Assim, esses mesmos leitores (e outros mais) têm a oportunidade de conhecer outra versão não-oficial do acontecido; ou seja, a daqueles menos aquinhoados da saga do cacau, que contribuíram e enriqueceram o panorama cultural local, mas foram esquecidos, injustiçados: os sergipanos, prostitutas, comerciantes, jagunços - **a face obscura**, como os nomeou o próprio Jorge Amado.

Se as marcas de uma cidade passam pelo olhar multifocal (CANCLINI, 2003), os bens simbólicos de um espaço, por sua vez, ressaltam o cenário cultural. Uma literatura bem distribuída e divulgada ganha leitores de múltiplas nacionalidades, de locais os mais diversos. Esses leitores resolvem, um dia visitar os locais que a literatura lhes apresentou, tornam-se turistas, leitores de locais singulares.

Esses são exemplos brasileiros que, certamente, suscitarão outros nos vários países da Comunidade Latino Americana.

As marcas de uma Região, presentes na literatura, são referenciais. Porém, mais que serem espaço de referências, ela própria, a literatura, enquanto cultura, contribui para a **diferença** que faz a multiplicidade e riqueza local. Os discursos que veiculam são de resistência, na medida em

que não se submetem; são emancipatórios, por sua capacidade de ação sobre o leitor; são de sedução, quando suscitam o trânsito e a necessidade do conhecimento do local, através do turismo.

Conclusão

Gestões da Ibero América em relação a políticas valorizadoras de ações culturais implicam no desenvolvimento de possíveis estratégias provocadoras de sustentabilidade através do Turismo. A cultura será uma articuladora poderosa para políticas de mudança, realizadas de fora para dentro (entre os países) e de ações locais podem viabilizar a efetividade de projetos. Para isso, deverão ser celebrados convênios, parcerias e intercâmbios em instituições culturais no âmbito latino americano. A intensificação desses procedimentos poderá contribuir para gerar um turismo cultural sustentável, na medida em que projetos de intercâmbio, por exemplo, promovam a intensidade do fluxo de turistas, turistas esses interessados na história, na literatura, na cultura local, ou seja, interessados na diferença.

A vontade política, o olhar lúcido e comprometido com o bem estar social poderão desencadear programas locais para a recepção desses turistas, acionando segmentos sociais, através da promoção de formas de sustentabilidade, relacionadas a comércio de artesanato, a visitação de museus e sítios históricos, a formas de divulgação das representações culturais locais, seja através do teatro, da literatura, da arte visual. Afora estratégias mais simples (a comercialização de livros, telas, esculturas, dentre outros), empreendimentos mais ousados – por parte do poder público e investidores privados - poderão ser promotores do turismo. Aliado à idéia de um desenvolvimento comprometido com a cultura local, a expressão artística poderá justificar investimentos em editoras, livrarias, teatro e cinemas.

Nestes tempos, as políticas de inclusão (RUBIN; BAYARDO, 2008) podem ser interpretadas como indicativas da necessidade de ações culturais para um turismo que vise ao fortalecimento de um bloco cultural latino-americano frente ao mundo. Nesse caso, há a imprescindibilidade de um eficaz processo de integração que considere a região como um espaço de cruzamento de identidades, de mesclas; que reconheça o processo de re-elaboração das identidades (dinâmicas e múltiplas). É mister que as políticas, inclusive as relacionadas aos *massmedias*, sejam traçadas em consideração da mudança do foco econômico para o cultural, isto é: que seja buscada a priorização da cultura; que seja buscada uma reorientação do mercado especulatório. Melhor dizendo, observar como a apropriação e a reelaboração do consumo cultural pelo turismo são articulados no âmbito regional e os impactos que tais ações provocam nas identidades locais.

Assim, a partir da literatura, é possível um turismo garantidor da preservação do patrimônio cultural, onde a sustentabilidade não se restringirá a aspectos econômicos, mas principalmente atentará para o respeito às comunidades. A Literatura, enquanto representação de tradições locais e regionais - mediadores estéticos e culturais - funcionará como *marketing* e guia para o turismo local.

Referências Bibliográficas

- [1] ZAIDAN FILHO, Michel. Globalização e Política. In: LIMA, M. C. (org). **O Lugar da América do Sul na Nova Ordem Mundial**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 71 – 84.
- [2] BOLÁN, Eduardo Nivón. Realidades e Utopias das políticas culturais na América Latina. In: Mesa-redonda I: **Políticas Culturais na Ibero-América**. IV ENECULT. Salvador, 28/052008, 10:00 hs.
- [3] ANDERSON, Benedict. **Imagined Communities**. Londres: Verso, 1983.

- [4] HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Trad.: Tomaz da Silva e Guacira Louro. 5.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- [5] BHABHA, Homi. **O local da Cultura**. Trad: Myriam Ávila, Eliana Reis, Gláucia Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- [6] CANCLINI, Nestór García. **Culturas Híbridas**. Trad. Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 3 ed. São Paulo: EDUSP, 2003.
- [7] ORTIZ, Renato. Qual o lugar da esfera da cultura no mundo contemporâneo? In: Mesa-redonda I: **Políticas Culturais na Ibero-América**. IV ENECULT. Salvador, 28/052008, 10:00 hs.
- [8] LAREDO, Íris Mabel. Globalización – Fragmentación – Regionalización. In: LIMA, M. C. (org). **O Lugar da América do Sul na Nova Ordem Mundial**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 109 – 118.
- [9] SIMÕES, M L Netto. De leitor a turista na Ilhéus de Jorge Amado. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, n.6. Belo Horizonte: Abralic, 2002. p. 177 – 184.
- [10] CANCLINI, Nestór García. **Consumidores e Cidadãos - conflitos multiculturais da globalização**. 4 ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.
- [11] YUDICE, George. **A Conveniência da Cultura – usos da cultura na era global**. Trad.: Marie-Anne Kremer. Belo Horizonte, UFMG, 2004.
- [12] FRIEDMAN, Jonathan. Ser no mundo: globalização e localização. In: Featherstone (org). *Cultura Global*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1999. p.329-348.
- [13] SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna – intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina**. Trad. Sérgio Alcides. Rio de Janeiro, UFER, 1997. 169p.
- [14] SARLO, Beatriz. Los Estudios culturales y la crítica literária en la encrucijada valorativa. **Revista de Crítica Cultural**, n 15. Santiago, nov. 1997. p. 34 – 41.
- [15] PINHEIRO, Valdelice. **Restauração – um canto brasileiro**. Ilhéus: Editus, 2000. (Poema de Folha Solta, Projeto Inéditos Valdelice Pinheiro. Coord. MLNSimões).
- [16] RUBIN, A. Albino Canelas; BAYARDO, Rubens (orgs). **Políticas Culturais na Ibero-América**. Salvador: EDUFBA, 2008.

¹ **Autor(es)**

¹ Maria de Lourdes Netto SIMÕES, **Profa. Dra.**
Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)
Departamento de Letras e Artes
htsimoes@uol.com.br